
Pesquisa Histórico-cultural: uma proposta de análise discursiva

*Heloísa Pedroso de Moraes Feltes**

Resumo: O artigo levanta e discute questões metodológicas relativas ao papel da análise discursiva na formação e análise de *corpora* de pesquisa em um campo interdisciplinar que liga Lingüística Cognitiva, Antropologia Lingüística, Antropologia Cognitiva e História. Os recortes de segmentos discursivos em discurso indireto ou híbrido representam uma memória que deve ser reconstruída em termos enunciativos. A partir das noções de formações ideológicas, imaginárias e discursivas, assim como de sujeito disperso, tais recortes são analisados no sentido de orientar o processo interpretativo – a produção do sentido – o qual passa a ser a base sobre a qual se fundam os estudos ulteriores em Lingüística Cognitiva. São analisados segmentos da obra de Thales de Azevedo, *Os italianos no Rio Grande do Sul: cadernos de pesquisa*, para ilustrar esse tratamento discursivo preliminar às análises de categorias conceituais que são objeto da Pesquisa *Cultura Regional: modelos culturais que estruturam os domínios de mito e crença de Propriedade, Trabalho, Família e Religião*, desenvolvida no Programa de Mestrado em Letras e Cultura

Abstract:

* Professora no Curso de Mestrado em Letras e Cultura Regional da Universidade de Caxias do Sul; e-mail:helocogn@terra.com.br

Regional na Universidade de Caxias do Sul. Trata-se, portanto, de uma discussão metodológica que alerta para aspectos cruciais no tratamento de fontes históricas orais ou escritas.

Palavras-chave: análise discursiva, lingüística cognitiva, antropologia lingüística, memória, história.

Introdução

As análises discursivas têm demonstrado sua importância fundamental em pesquisa histórico-cultural, como se tem observado em pesquisa desenvolvida, intitulada *Cultura Regional: modelos culturais que estruturam os domínios de mito e crença de Propriedade, Trabalho, Família e Religião* (doravante apenas **PMC**). A PMC integra o conjunto de pesquisas do Mestrado em Letras e Cultura Regional da Universidade de Caxias do Sul, como um subprojeto do Projeto Colônias, coordenado pela Profa. Dra. Loraine Slomp Giron.

Como afirma Orlandi (2000, p. 25), resumindo o ponto de vista da Análise do Discurso:

A proposta intelectual em que se situa a Análise do Discurso é marcada pelo fato de que a noção de leitura é posta em suspenso. Tendo como fundamental a questão do sentido, a Análise do Discurso se constitui no espaço em que a Lingüística tem a ver com a Filosofia e com as Ciências Sociais. Em outras palavras, na perspectiva discursiva, a linguagem é linguagem porque faz sentido. E a linguagem só faz sentido porque se inscreve na história.

A PMC fundamenta sua proposta no paradigma cognitivo-cultural da Lingüística Cognitiva¹ (Semântica Cognitiva) associada ao paradigma enatista-hermenêutico,² o qual oferece o referencial epistemo-metodológico e o aparato descritivo-explanatório para o exame das questões a que pretende responder, quais sejam: (1) Quais os modelos cognitivo-culturais (MCCs) que estruturam os domínios de mito e crença de PROPRIEDADE, TRABALHO, FAMÍLIA E RELIGIÃO (doravante **DMCPTFR**),³ a partir dos discursos de sujeitos de antigas colônias de imigrantes italianos? (2) Haverá traços de universalidade entre tais MCCs para a construção de uma categoria de *cultura regional* (CR)? (3) O conceito de *regional* em CR poderia ser definido como uma demarcação por glosas de práticas de pensar, dizer e fazer comuns entre indivíduos e grupos em situações de interação cotidianas?

Uma das etapas do processo de pesquisa é a formação de um *corpus* de análise para acessar MCCs relativos a DMCPTR, o qual envolve a identificação dos recortes discursivos a serem analisados, definidos, genericamente, como cenas enunciativas,⁴ pois, como afirma Achard (1999, p. 17), “a memória suposta pelo discurso é sempre reconstituída na enunciação”.⁵

A partir dessas considerações iniciais, o que o presente artigo pretende é levantar algumas questões metodológicas relativas ao papel da análise discursiva na formação e análise desse *corpus*. Ilustraremos vários pontos relativos a essas questões utilizando passagens da obra de Thales de Azevedo, **Os italianos no Rio Grande do Sul: cadernos de pesquisa**, publicada em 1994,⁶ cujo autor, segundo seu prefaciador, o Prof. Emilio Franzina, “tem o mérito de haver apurado a existência de memórias que andavam dispersas”. (p. 22). As passagens privilegiadas nesta reflexão restringem-se à categoria RELIGIÃO, a qual em nossos estudos em Linguística Cognitiva tem-se revelado extremamente rica no tratamento das relações entre linguagem, cultura e cognição, como se verá mais adiante.

O primeiro cuidado que se tem tomado ao fazer a seleção e análise do *corpus* é de natureza discursiva. Os discursos a que se têm acesso são, em sua maioria, indiretos ou híbridos,⁷ ou seja, baseiam-se no relato de memórias, em geral de descendentes de italianos das antigas colônias. Ao se tratar dos discursos indireto e híbrido, buscou-se capturar a cena enunciativa, identificando os locutores, sua posição social na comunidade e a época em que o discurso foi registrado. Dessa maneira, mesmo que a análise exija que se recorte o dizer dos sujeitos investigados entre os outros dizeres da fonte de investigação, esse recorte é circunstanciado, de modo a não se ignorarem as condições de sua produção.

1 Um aparato de análise discursiva em pesquisa histórico-cultural⁸

Para que os objetivos da pesquisa sejam alcançados, os discursos que venham a constituir o *corpus* necessitam ser criteriosamente recortados do ponto de vista enunciativo, pois disso depende a produção de seu sentido no processo interpretativo. Como esclarece Pêcheux (1988, p. 160) a respeito da produção de sentido e posições ideológicas:

O sentido de uma palavra, de uma expressão, de uma proposição, etc., não existe “em si mesmo” [...], mas, ao contrário, é determinado pelas posições ideológicas que estão em jogo no processo sócio-histórico no qual as palavras, expressões e proposições são produzidas (isto é, reproduzidas).

Poderíamos resumir essa tese dizendo: *as palavras, expressões, proposições, etc., mudam de sentido segundo as posições sustentadas por aqueles que as empregam.*

Essas posições a que Pêcheux se refere são as **formações ideológicas**. Além das formações ideológicas deve-se levar em consideração as noções de formação discursiva, heterogeneidade discursiva e sujeito disperso (o sujeito não tem unicidade). Por **formação discursiva** entenda-se um conjunto de regras anônimas, históricas, sempre determinadas no tempo e no espaço que definem em uma época dada e para uma área social, econômica, geográfica ou lingüística dada, as condições de exercício da função enunciativa. (MAINGUENEAU, 1989). Ou, conforme Pêcheux (1988, p.160), como “aquilo que, numa formação ideológica dada, isto é, a partir de uma posição numa conjuntura dada, determinada pelo estado de luta de classes, determina *o que pode e deve ser dito*”. Ao mesmo tempo distingue-se uma prática discursiva, um sistema que, no interior de uma formação discursiva dada, regula a dispersão dos lugares institucionais possíveis de serem ocupados por um sujeito de enunciação. Além disso, deve-se levar em consideração as **formações imaginárias**, ou seja o mecanismo que constrói (a) a imagem que o locutor tem de sua posição de sujeito locutor; (b) a imagem que o sujeito interlocutor tem de sua posição; (c) a imagem que o locutor tem da imagem que o interlocutor tem sobre ele; (d) a imagem que se tem do objeto do discurso, e assim por diante, num jogo que envolve imagens cada vez mais complexas.⁹ Orlandi (2000, p. 40) esclarece-nos apropriadamente a relação entre essas projeções e as posições discursivas dos sujeitos:

Assim não são os sujeitos físicos nem os seus lugares empíricos como tal, [sic!] isto é, como estão inscritos na sociedade, e que poderiam ser sociologicamente descritos, que funcionam no discurso, mas suas imagens que resultam de projeções. São essas projeções que permitem passar das situações empíricas – os lugares dos sujeitos – para as posições dos sujeitos no discurso.

O acesso que se terá aos modelos cognitivo-culturais é, portanto, multiplamente mediado. Se constituído de recortes das obras sobre histórias de famílias ou relato de entrevistas, como é o caso da PMC, tem-se a situação em que o autor das obras relata o discurso de outro ou relata outros relatos. Conforme Bakhtin (1977), o “discurso citado é o **discurso no discurso**, a **enunciação na enunciação**, mas é, ao mesmo tempo, um **discurso sobre o discurso**, uma **enunciação sobre a enunciação**”. (p. 144). Do ponto de vista da cena enunciativa, dever-se-á destacar as figuras do

sujeito-falante, locutor, enunciador, alocutário, os quais são definidos conforme Orlandi (1988, p. 56-62); Orlandi et al. (1989, p. 48) a seguir:

SUJEITO-FALANTE: é material empírico bruto, pessoa física no mundo.

LOCUTOR: aquele que se representa como “eu” na enunciação, representando-se internamente ao discurso, como o responsável pela enunciação realizada. Os **locutores** podem ser: **LOCUTOR-L**, que se representa como fonte do dizer. **LOCUTOR-Lp**, que é o locutor-enquanto-pessoa-socialmente-constituída-no-mundo.

ALOCUTÁRIO: é o “tu” do discurso, correlato do locutor.

ENUNCIADOR: é a posição do sujeito que estabelece a perspectiva da enunciação. Os **enunciadores** podem ser: **ENUNCIADOR INDIVIDUAL**, que pode ou não coincidir com o locutor. **ENUNCIADOR GENÉRICO**, que é a representação da voz do senso comum e traz para o texto as crenças historicamente constituídas. **ENUNCIADOR UNIVERSAL**, que é a voz que se apresenta como se os fatos falassem por si. **ENUNCIADOR COLETIVO**, que representaria a voz de uma comunidade especificada; um enunciador cuja perspectiva é a do conjunto de pessoas na qual Lp se inscreve.

Na PMC, os recortes enunciativos devem permitir destacar os atores da enunciação. Essa é uma etapa fundamental para que se tenha esclarecida, do ponto de vista discursivo, a heterogeneidade/polifonia e, por conseguinte, as características dos discursos-fonte para que se alcancem os modelos cognitivo-culturais.

Diz Courtine (1999, p. 20): “Citação, recitação, formação do preconstruído: é assim que os objetos do discurso, dos quais a enunciação se apodera para colocá-los sob a responsabilidade do sujeito enunciador, adquirem sua estabilidade no domínio de memória como espaço de recorrência de formulações.” Nessa mesma linha de pensamento, Mittmann (1999, p. 272), que baseia seus estudos em Pêcheux, Fuchs e Courtine, afirma:

O discurso não nasce da vontade repentina de um sujeito enunciador. O discurso tem uma memória, ou seja, nasce de um trabalho sobre outros discursos que ele repete, ou modifica. Essa repetição ou modificação não é necessariamente intencional, consciente, nem imediata (um discurso imediatamente anterior ao produzido). Ao contrário, pode ser oculta ao sujeito enunciador. E se dá através de dois aspectos: o pré-construído, ou seja, uma construção anterior, exterior e independente, por oposição ao que é construído na enunciação, e a articulação de enunciados do interdiscurso que atravessam o discurso, sob a forma de discurso transverso.

2 Ilustrando nossa abordagem

A fim de ilustrar o procedimento adotado em nossa pesquisa, convém analisar os segmentos seguintes:

S1 Thales de Azevedo conversa com Brandalise, em 7 de janeiro de 1955 e em discurso indireto registra essa conversa:

Fala com ódio da intervenção da Igreja na política e do prejuízo assim causado ao PRP, que perdeu três lugares na Câmara Municipal, ganhos pelo PDC. Agora, diz, distingue religião do clero; não abandonará aquela, mas com padre não quer mais nada: a mulher deve olhar a cozinha e o padre deve olhar a sacristia. (p. 163, apontamento 254).

Para os comentários, convém que distingamos dois recortes (R) no S1:

[R1 Fala com ódio da intervenção da Igreja na política e do prejuízo assim causado ao PRP, que perdeu três lugares na Câmara Municipal, ganhos pelo PDC. Agora, diz, distingue religião do clero; não abandonará aquela, mas com padre não quer mais nada] [R2: a mulher deve olhar a cozinha e o padre deve olhar a sacristia.]

Em R1, há um L1 que relata uma fala de um L2, cuja fala é interpretada por L1 como sendo uma fala “com ódio”. Essa qualificação da fala de L2 por L1 é, provavelmente, resultado de um conjunto de indícios cinésicos (gestualidade, expressões faciais), paralingüísticos (tom e altura de voz) e mesmo, podemos especular, de elementos verbais que foram “filtrados” por L1; todos esses elementos sendo, por hipótese, traduzidos como “fala com ódio”. Segue-se que L2 através de L1 afirma distinguir religião de clero e que não abandonará a religião, mas que não quer mais nada com padre. L1, em seguida, acrescenta um segmento antecedido por dois pontos (R2). Esses dois pontos são ambíguos nos apontamentos de Thales de Azevedo, pois ora antecipam uma citação direta com recursos de *aspas*, ora é um recurso para apresentar uma explicação, um enunciado mais enfático, mas ainda de sua responsabilidade enquanto L1 citante da fala de L2. Entretanto, em R2 o que se vê não é apenas a opinião de L2, mas sim L2 assumindo a posição de um enunciador genérico, voz do senso comum que expressa crenças historicamente constituídas: reflete um ponto de vista relativo à posição da mulher na sociedade daquela época: “a mulher deve olhar a cozinha” e de um enunciador universal que demarca o lugar de atuação do padre, que não seria, segundo L2 (na posição de enunciador universal), na política.

Ou seja, a breve análise desse segmento ilustra o que vem a ser, em linhas gerais, heterogeneidade discursiva – a presença de discursos “outros” em outros discursos –¹⁰ e as relações de conflito ou diálogo entre diferentes formações discursivas: uma FD1 em que Igreja e política podem caminhar

juntas (que é negada); uma FD2 em que a Igreja deve dissociar-se da política (que é sustentada pelo dizer de L2); uma FD3 relativa à posição da mulher na sociedade da época. O dizer de L2 filia-se a essa FD3, afeta a uma formação ideológica, o que nos faz dizer que o sujeito é um efeito de seu discurso, pois seu discurso releva a posição que ocupa numa conjuntura dada, a qual, a partir das formações imaginárias, determina as formações discursivas: o que pode e deve ser dito.

Para a pesquisa em *Linguística Cognitiva*, especificamente em *semântica cognitiva*, interessa-nos, nesse caso específico, a separação entre *RELIGIÃO* e *CLERO*, já que devemos nos perguntar como essa categoria, *RELIGIÃO*, organiza-se de modo a permitir que a religião para um católico possa dissociar-se do clero. Nesse caso, deveríamos poder operar mais verticalmente no campo discursivo¹¹ da religiosidade, o qual os apontamentos de Thales não nos permite construir. Como resultado dessa constatação, restam apenas novas perguntas: ‘religião’ nesse segmento refere à *FÉ*, *DEVOÇÃO* (a Deus e Santos) ou a quê?

S2 Thales de Azevedo, em 12 de janeiro de 1955, relata:

À noitinha estive na livraria dos Pes. Paulinos. Conversei com Frei Vital Araujo dos Santos, homem modesto, mulato claro, de Alagoas; está aqui há menos de 2 anos. Conhece a Bahia; esteve 8 meses hospedado com os franciscanos em 1947; conhece Pe. Paulo, cisterciense, Dom Monteiro, etc. Acha que o povo daqui se conserva um tanto puro mas a religião é muito sentimental. Na sua opinião, o melhor catolicismo é o de São Paulo, onde viveu alguns anos. Quanto à prática religiosa, ela é intensa, aqui, em todas as camadas. A observação sobre catolicismo sentimental é também de outros padres brasileiros e italianos, vindos de fora e que logo sentiram isto. (p. 31, apontamento 9).

Os recortes a serem considerados na análise são os seguintes:

[R1 À noitinha estive na livraria dos Pes. Paulinos. Conversei com Frei Vital Araujo dos Santos, homem modesto, mulato claro, de Alagoas; está aqui há menos de 2 anos. Conhece a Bahia; esteve 8 meses hospedado com os franciscanos em 1947; conhece Pe. Paulo, cisterciense, Dom Monteiro, etc.] [R2 Acha que o povo daqui se conserva um tanto puro mas a religião é muito sentimental. Na sua opinião, o melhor catolicismo é o de São Paulo, onde viveu alguns anos. Quanto à prática religiosa, ela é intensa, aqui, em todas as camadas.] [R3A observação sobre catolicismo sentimental é também de outros padres brasileiros e italianos, vindos de fora e que logo sentiram isto.]

Em R1, aparentemente só existiria um L, L1, que é responsável pelo relato. Entretanto, na passagem “está aqui há menos de 2 anos. Conhece a Bahia; esteve 8 meses hospedado com os franciscanos em 1947; conhece Pe. Paulo, cisterciense, Dom Monteiro, etc.” faz-se intervir um enunciador individual que coincide com L2, no caso, o entrevistado, pois ele seria a fonte desse dizer e por responsável. Em R2, surge o discurso indireto, que traz as marcas específicas desse discurso “acha que” e “na sua opinião”. Essas marcas traçam os limites entre os locutores L1 e L2. Entretanto, em R3 não é possível distinguir as vozes, ou seja, se se trata de L1 ou de L2, o enunciador individual, ou seja, se a observação “de outros padres brasileiros e italianos, vindos de fora e que logo sentiram isto” foi feita sob a responsabilidade de L1, L2.

Mais adiante, na análise de S4 e S5, veremos que há indícios de que R3 seja de responsabilidade de L1, o entrevistado.

Com S1 e S2 procuramos ilustrar a questão da distinção de vozes nos discursos. No segmento seguinte, procuraremos evidenciar a questão das FDs de modo mais aprofundado.

S3 Thales de Azevedo cita Cel. José Pena de Moraes, num relatório de 15 de novembro de 1919.

Na prática e culto religiosos, sobressai a mulher – ao influxo de sua organização afetiva; nos folguedos e diversões várias, predomina a mocidade de ambos os sexos, sob a exigência orgânica de sua vitalidade plectórica. É uma sociedade cuja vida transcorre entre esses três marcos da normalidade plena – trabalho, religião e diversões, sob a égide das liberdades e garantias que o regime republicando outorga, não pode deixar de ser uma sociedade organizada e feliz. (p. 5 do relatório; apontamento 46, p. 52).

Aqui temos o discurso citado direto, ou seja, L1 é aquele que se responsabiliza pelo dizer do relatório e a ele corresponde não um enunciador individual, mas um enunciador universal, na medida que o retrato dessa sociedade é tomado como “evidente”, como se os fatos falassem por si. Entretanto, o dizer do Cel. José Pena de Moraes pertence a uma FD específica, a do militar republicano, e essa FD, a partir da posição de L1 naquela conjuntura ideológica dada, determina o que *deve ser dito*, ou seja, “É uma sociedade cuja vida transcorre entre esses três marcos da normalidade plena – trabalho, religião e diversões, sob a égide das liberdades e garantias que o regime republicando outorga, não pode deixar de ser uma sociedade organizada e feliz.”

Os segmentos a seguir, S4 e S5 podem ser associados à análise do S2 como se antecipou.

S4 Thales de Azevedo contata Stuart Clark Rotwell, geógrafo americano, em 12 de janeiro de 1955.

A vida na colônia é extraordinariamente monótona. A religião é “mística”, sentimental. Constroem capelinhas e grutas e ali se reúnem para rezar mas a religião lhe parece ser algo para passar o tempo. (p. 32, apontamento 11).

[R1A vida na colônia é extraordinariamente monótona. A religião é “mística”, sentimental. Constroem capelinhas e grutas e ali se reúnem para rezar] [R2 mas a religião lhe parece ser algo para passar o tempo].

Esse segmento é especialmente interessante porque revela o ponto de vista de um *outsider* à comunidade. As marcas de heterogeneidade (mostrada) são fracas, exceto no R2, em “a religião lhe parece” ser algo para passar o tempo, onde aparecem as marcas de discurso indireto. É em R1 que verificamos uma repetição, como ressonância, do que é dito no S2, apesar de Stuart não ser um padre. Todavia, essa ressonância é mais vívida no segmento S5.

S5 Thales contata Pe. Giordani, em 30 de dezembro de 1955.

O espiritismo e a Umbanda progridem aqui, mas não na proporção de outras partes do país; esse progresso chama atenção exatamente pelo contraste com a religião da maioria. Todavia o nosso catolicismo é muito de superfície, muito sentimental. (p. 161, apontamento 241).

[R1O espiritismo e a Umbanda progridem aqui, mas não na proporção de outras partes do país; esse progresso chama atenção exatamente pelo contraste com a religião da maioria.] [R2Todavia o nosso catolicismo é muito de superfície, muito sentimental.]

Esse segmento denuncia um discurso direto e, portanto, tem-se um L1, o entrevistado; a voz do entrevistador desaparece. Em R2, tem-se a reafirmação ressonante da religião sentimental, expressa mais propriamente como “catolicismo... sentimental”. É nesse exame de discursos que se entrecruzam que se podem avaliar, portanto, as diferentes vozes e seus lugares discursivos. Não se pode ainda afirmar que em S2R3 o locutor seja o entrevistador, pois os apontamentos relativos a S4 e S5 são posteriores, mais provável seria a hipótese de que o locutor seja L2, o entrevistado, já que, sendo Frei e vivendo na comunidade há dois anos, como relata L1 em S2R1, poderia ter tido contato com o ponto de vista de outros indivíduos a respeito do caráter da religiosidade local.

Conclusão

Em suma, a análise discursiva é parte de um processo interpretativo que antecede as análises a serem realizadas a partir do aporte teórico da Linguística Cognitiva, na PMC. Em Linguística Cognitiva é fundamental, por exemplo, que a categoria RELIGIÃO não seja confundida com o lexema 'religião'. Ou seja, interessa-nos compreender como essa categoria é construída a partir de modelos culturais histórica e socialmente situados. Da mesma maneira, quando um indivíduo emprega o lexema 'religião' pode estar se referindo a diferentes conceitos, tais como: FÉ/DEVOÇÃO; IGREJA-INSTITUIÇÃO; IGREJA-PARÓQUIA; TEMOR A DEUS, LITURGIA, ESPIRITUALIDADE, etc. Analisando-se as FDs, os lugares de onde falam os sujeitos historicamente considerados, damos o primeiro passo para a compreensão do escopo e estrutura das categorias conceituais que temos como objeto de estudo. A análise discursiva permite abordar a questão da polissemia do lexema, porque este se revela, no discurso, como um efeito discursivo, já que as palavras, em diferentes formações ideológicas e discursivas adquirem diferentes valores semânticos.

Como diz Pêcheux (1990, p. 53-4);

Todo enunciado, toda seqüência de enunciados é, pois, linguisticamente descritível como uma série (léxico-sintaticamente determinada) de pontos de deriva possíveis, oferecendo lugar à interpretação. É nesse espaço que pretende trabalhar a análise do discurso.

Procurou-se aqui ilustrar o modo como a análise discursiva pode contribuir para a pesquisa histórico-cultural, sobretudo no tratamento de fontes orais ou escritas ou na formação de *corpora* de análise quando estes envolvem a interpretação de discursos.

Notas

¹ A Linguística Cognitiva constitui um dos campos de estudo das Ciências Cognitivas. A Linguística Cognitiva guia-se pela hipótese geral de que o uso da língua/linguagem deve ser explicado com referência a processos mentais/cognitivos que lhe estão subjacentes. A Linguística Cognitiva conecta-se com estudos antropológicos à medida que entende que nossos esquemas conceptuais têm origem em nossa experiência sociocultural. Na PMC operamos, de modo mais aprofundado, no quadro teórico oferecido por Lakoff (1977, 1982, 1985, 1987) e Lakoff e Johnson (180, 1999) em semântica cognitiva. Para uma melhor compreensão desses nossos estudos, veja-se o conjunto de publicações de Feltes (1992a, 1992b, 2003, 2004).

² Para o entendimento do que seja o paradigma enatista-hermenêutico, sugere-se a leitura de Maturana (1996,1999), Varela (s/d) e Maturana e Varela (1995).

³ Em Linguística Cognitiva, em especial em Semântica Cognitiva, distinguem-se, como nos exemplos que seguem, as seguintes notações: 'religião' (aspas simples) refere o lexema, a palavra; RELIGIÃO (letras em maiúsculas) refere um constructo mental, um conceito ou uma categoria conceitual.

⁴ A expressão *cena enunciativa*, como esclarece Maingueneau (1998, p. 20), utilizada na análise do discurso francofônica refere-se “à maneira pela qual o discurso constrói uma representação de sua própria situação de enunciação”, sendo a cenografia “um processo de círculo paradoxal no qual a enunciação, por sua própria maneira de desdobrar seus conteúdos, deve legitimar a situação de enunciação que a torna possível (enunciador, co-enunciador e lugar)”. (p. 21).

⁵ *Memória*, como afirma Pêcheux (1999, p. 50), “deve ser entendida aqui não no sentido diretamente psicologista da ‘memória individual’, mas nos sentidos entrecruzados da memória mítica, da memória social inscrita em práticas, e da memória construída do historiador”. Ressalta Maingueneau (1998, p. 97) que a memória “mantém-se em unidade com o modo de existência de uma formação discursiva: cada uma tem uma maneira própria de administrar essa memória”.

⁶ Alguns esclarecimentos sobre essa obra são necessários. A obra reúne apontamentos feitos no período de 1955 a 1973 por Thales de Azevedo, historiador baiano que se dedicou ao estudo do Rio Grande do Sul Ítalo-Gaúcho. Conforme o Prof. Emilio Franzina, prefaciador da obra, tais apontamentos baseiam-se em colóquios e informações colhidas pelo método da entrevista informal. Diz Franzina: “Os guias e os acompanhantes de Thales, aliás quase sempre de origem italiana, fornecem notícias e dados, mas ele começa a formar uma opinião sobre a realidade que se lhe depara, também por conta própria, observando e raciocinando [...]. O que surge é também o retrato de uma *full immersion* mais congenial talvez aos sociólogos do que aos historiadores, mas que em Thales se explica e se justifica de modo pleno precisamente porque ele consegue combinar técnicas e competências das duas disciplinas [...]. Ele recolhe impressões e pareceres, mas não descarta as manifestações culturais primárias e secundárias [...]. Thales varia das fontes de arquivo às conversas domésticas como os colonos”. (p. 20-2). Os originais desses apontamentos integram o acervo do Projeto Elementos Culturais das

Antigas Colônias Italianas do Rio Grande do Sul (ECIRS).

⁷ O discurso indireto, conforme Maingueneau (2002), funciona segundo um esquema enunciativo próprio: “o enunciador citante tem uma infinidade de maneiras para traduzir as falas citadas, pois não são as palavras exatas que são relatadas, mas sim o *conteúdo do pensamento*.” (p. 149). Esse é o caso, por exemplo, de um recorte do seguinte tipo: “Conversei à noite, no Centro Cultural Brasileiro-Norte-Americano com o Dr. Hugo Argenta, da firma Abramo Eberle, e com um funcionário mulato do Banco do Brasil; o primeiro é caxiense; o segundo é porto-alegrense e está há 14 anos em Caxias. Acha o Dr. Argenta que o operariado aqui ainda tem muita gente boa, mas que já há problemas.” (AZEVEDO, 1994, p. 50, grifo nosso). Já o discurso híbrido pode ser ilustrado com o seguinte recorte: “Contou-me Spadari: quando um “brasileiro” é trabalhador, se diz que parece “italiano” ou “alemão”; quando um destes não trabalha, diz-se que parece “brasileiro”. (p. 65). Consideramos esse discurso como sendo híbrido porque as marcas de discurso direto são fracas, de modo que se entende que sintaticamente o que o autor constrói é algo como “Contou-me Spadari (que)...”, porque o uso das expressões “um destes” ou “diz-se” são claramente marcas de texto escrito, de modo que não se pode garantir que o que vem a seguir é discurso direto. Desse modo os elementos entre aspas podem ser entendidos como “ilhas enunciativas” (MAINGUENEAU, 2002, p. 151), ou seja, como um fragmento que pode ser atribuído ao locutor, no caso, o Sr. Spadari.

⁸ A construção desse aparato é meramente instrumental. Não ignoramos a complexidade, heterogeneidade de linhas

teóricas, assim como a evolução dessas teorias ao longo dos últimos 30 anos. Procurou-se partir de um conjunto operacional de conceitos, os quais são suficientes para demonstrar a importância de um tratamento discursivo mínimo para fontes de pesquisa histórico-cultural. Entretanto, o aprofundamento dessas análises exigiria a tomada de decisão sobre que corpo teórico seria mais apropriado, assim como a metalinguagem mais pertinente, em vista do objeto de estudo e dos objetivos a serem alcançados. Assim, optamos por evitar o uso da expressão *Análise do Discurso*, preferindo utilizar a expressão *análise discursiva*.

⁹ Perguntas do tipo “Quem ele pensa que é para dizer o que diz?” ou “Quem ele pensa que sou para dizer-me o que diz” ou “Do que ele pensa que está falando para falar do modo como fala?” ou ainda “Será que ele pensa que eu penso que ele tem o direito de dizer o que diz?” são exemplos do cotidiano que indiciam o funcionamento dessas formações imaginárias.

¹⁰ Authier-Revuz (1990) distingue entre heterogeneidade mostrada e heterogeneidade constitutiva: na primeira, o outro é inscrito na seqüência do discurso através de discurso direto, indireto, indireto livre, alusões, ironia, aspas. Já a heterogeneidade constitutiva é dominada pelo interdiscurso que independe de qualquer marca visível de citação, pois todo enunciado é dialógico. Segundo a autora, na produção do discurso, há uma maquinaria estrutural que o sujeito ignora, que ilude-se como sendo a fonte desse seu discurso “quando ele nada mais é do que o suporte e o efeito”. (p. 27).

¹¹ Por campo discursivo, entenda-se, através de Maingueneau (1998, p. 19), “espaços onde um conjunto de formações discursivas estão em relação de concorrência no sentido amplo, delimitam-se reciprocamente”.

Referências

- ACHARD, Pierre. Memória e produção discursiva do sentido. In: ACHARD, Pierre et al. *Papel da memória*. Campinas: Pontes, 1999. p 11-19.
- AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. Heterogeneidade(s) enunciativa(s). *Cadernos de Estudos Lingüísticos* (O Discurso e suas Análises), n.19, p. 43-64, jul./dez. 1990.
- AZEVEDO, Thales de. Os italianos no Rio Grande do Sul. *Cadernos de Pesquisa*, Caxias do Sul: Educs, 1994.
- BAKHTIN, Michail. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1986[1977].
- COURTINE, Jean-Jacques. O chapéu de Clémentis: observações sobre a enunciação do discurso político. In: INDURSKY, Freda; FERREIRA, Maria Cristina Leandro (Orgs.). *Os múltiplos territórios na análise do discurso*. Porto Alegre: Sagra DCLuzzatto, 1999. p. 15-22.
- FELTES, Heloísa Pedrosa de Moraes. A semântica cognitiva prototípica de George Lakoff. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 27, n. 3, p. 49-71, 1992a.
- FELTES, Heloísa Pedrosa de Moraes. *A teoria dos modelos idealizados de George Lakoff: um projeto experiencialista para a semântica do conceito*. 1992b. 3003p. Dissertação (Mestrado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1992b.
- FELTES, Heloísa Pedrosa de Moraes (Org.). *Produção de sentido: estudos transdisciplinares*. São Paulo; Porto Alegre; Caxias do Sul: Annablume; Nova Prova; Educs, 2003. 459 p., v. 1.
- FELTES, Heloísa Pedrosa de Moraes. George Lakoff's Theory of Cognitive Models: a metatheoretical and methodological assessment based on an analysis of abstract concepts (W-C-PF). Comunicação apresentada em *Language, Culture and Cognition, An International Conference on Cognitive Linguistics*, em Braga, Portugal, em 18 de julho de 2003 e publicada em SILVA, Augusto Soares da; TORRES, Amadeu Torres; GONÇALVES Miguel (Eds.). *Linguagem, cultura e cognição: estudos de linguística cognitiva*. Coimbra: Almedina 2004. v. 2.
- LAKOFF, George. Linguistics gestalts. Papers from the thirteenth regional meeting. *Linguistics Society*, Chicago, v. 13, p. 236-287, 1977.
- _____. Experiential factors in linguistics. In: SIMON, T.; SCHOLERS R. (Eds.). *Language, mind, and brain*. Hillsdale, N. J.: Lawrence Erlbaum, 1982. p. 142-57.
- _____. A metáfora, as teorias populares e as possibilidades do

diálogo. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, n. 9, p. 49-68, 1985.

_____. *Women, fire and dangerous things: what categories reveal about the mind*. Chicago: University of Chicago Press, 1987.

_____. JOHNSON, Mark. *Metaphor we live by*. Chicago: The University of Chicago Press, 1980.

LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. *Philosophy in the flesh: the embodied mind and its challenge to western thought*. New York: Basic Books, 1999.

MAINGUENEAU, Dominique. *Novas tendências em análise do discurso*. Campinas: Pontes: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1989.

MAINGUENEAU, Dominique. *Termos-chaves da análise do discurso*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

MAINGUENEAU, Dominique. *Análise de textos de comunicação*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

MATURANA, Humberto R.; VARELA, Francisco G. *A árvore do conhecimento: as bases biológicas do entendimento humano*. Campinas: Editorial Psy, 1995.

MATURANA, Humberto R. *La realidad: objetiva o construida?* II. Fundamentos biológicos del conocimiento. Barcelona: Anthropos; México: Universidad Iberoamericana; Guadalajara: Instituto Tecnológico y de

estudios Superiores de Occidente, 1996.

MATURANA, Humberto. *A ontologia da realidade*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999. (Orgs. Cristina Magro; Miriam Graciano; Nelson Vaz).

MITTMANN, Solange. Nem lá, nem aqui: o percurso de um enunciado. In: INDURSKY, Freda; FERREIRA, Maria Cristina Leandro (Orgs.). *Os múltiplos territórios na análise do discurso*. Porto Alegre: Sagra DCLuzzatto, 1999, p. 271-277.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. *A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso*. São Paulo: Brasiliense, 1983 (ou edição mais recente).

_____. *Análise do discurso: princípios e procedimentos*. Campinas: Pontes, 2000.

_____. *Discurso e leitura*. São Paulo: Cortez; Campinas: Ed. da Unicamp, 1988.

_____; GUIMARÃES, Eduardo; TARALLO, Fernando. *Vozes e contrastes: discurso na cidade e no campo*. São Paulo: Cortez, 1989.

PÊCHEUX, Michel. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Campinas: Ed. Unicamp, 1988.

PÊCHEUX, Michel. *O discurso: estrutura ou acontecimento*. Campinas: Pontes, 1990.

_____. Papel da memória. In: ACHARD, Pierre et al. *Papel da*

memória. Campinas: Pontes, 1999. p. 49-57.

VARELA, Francisco. *Conhecer as ciências cognitivas, tendências e perspectivas*. Lisboa: Instituto Piaget, s.d.

VARELA, Francisco; THOMPSON, Evan; ROSCH, Eleanor. *A mente corpórea: ciência cognitiva e experiência humana*. Lisboa: Instituto Piaget, 1991.